

Entrevista do Prof. Dr. Ricardo Barberena, Diretor do Instituto de Cultura da PUCRS¹

Questão 01: De que maneira as práticas de leitura podem ser mobilizadas como experiências culturais dos sujeitos para interconectarem com o mundo e a sociedade contemporâneos?

Ler é voar fora da asa, segundo o grande poeta Manoel de Barros. Assim sendo, a leitura permite criar mundos no mundo a partir da nossa capacidade de “cinema mental”. Ao entrar nessa potente máquina de imaginação, o leitor é capaz de viajar em diferentes alteridades e culturas. Sem dúvidas, ao lermos um livro, recebemos um passaporte para desterritorializar nosso Eu. Nesse trânsito intercambiante entre diferentes épocas, somos convidados a experimentar uma interculturalidade, pois, em algumas linhas, podemos estar na Rússia, na Argentina, no sertão.

Questão 02: Como os projetos de leitura desenvolvidos na universidade, em diálogo com comunidades externas, podem contribuir para a formação integral dos estudantes e para o fortalecimento do compromisso social da educação superior?

Pensar em projetos de leituras é articular uma ferramenta de entendimento do nosso *script de existência*. Vivemos hoje um enorme desafio quanto à capacidade hermenêutica dos falantes nativos. A leitura fornece uma expansão lexical e uma musculatura cognitiva para entendermos a nossa pátria: a nossa Língua. Pensada nesses termos, a língua ainda é um instrumento de ascensão social. Manejar a norma culta é uma feérica arma para combater a exclusão dos subalternizados.

Questão 03: Quais estratégias metodológicas e pedagógicas têm se mostrado pertinentes em experiências que articulam o conhecimento acadêmico com práticas culturais e sociais enraizadas nos vários contextos?

Cultura é cultivo da vida. A universidade precisa combater o analfabetismo afetivo por meio de uma agenda cultural. Falar de cultura é falar de educação. Afinal, cultura é educação. O melhor método é a pluralidade interartística, protagonizando-se oportunidades do fortalecimento do repertório cultural. Desse modo, a principal estratégia metodológica é a formação de plateias.

¹ Possui Graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2000), Doutorado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2005) e Pós-Doutorado (2009), pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Letras (PUCRS). Coordena o Grupo de Pesquisa "Limiares Comparatistas e Diásporas Disciplinares: Estudo de Paisagens Identitárias na Contemporaneidade". Membro do Grupo de Pesquisa do CNPq GELBC (Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea). Tem atuação docente na área de Letras (Teoria Literária), com ênfase em Literatura Brasileira Contemporânea. Diretor do Instituto de Cultura da PUCRS.

Questão 04: De que forma a leitura vivida como intervenção e participação tem potencializado ações transformadoras em grupos, comunidades, empresas, escolas e outras instituições, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, crítica e sensível às diferenças?

Ao lermos a dor da fome de Carolina Maria de Jesus, vivemos as agruras da sua fome amarela. Ao caminharmos com Baleia no sertão, transitamos pelo solo seco e rachado. Ler é uma tecnologia de sensibilização e humanização. Enquanto *espécie fabuladora* ou *storytelling animals*, somos movidos por narrativas. Choramos diante das histórias. A leitura é uma redentora catarse de empatia: a nossa capacidade de vivermos a dor do Outro.

Questão 05: Como a leitura pode se constituir em escuta atenta e construção de sentidos e tornar-se momento de fruição e conexão com a beleza e a leveza em meio aos desafios contemporâneos?

A beleza será nossa capacidade de caminharmos no limiar entre o ético e o estético. Viver sob uma poética da existência. Afinal, como advertia Stendhal, a beleza é uma promessa de felicidade.